

A atitude é receptiva

por Paulo Sotero
de Washington

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, que chega hoje a Washington, ouvirá de seus interlocutores americanos essencialmente o que eles têm dito em público, ou seja, que os Estados Unidos não se envolverão nas negociações entre o Brasil e os bancos e que o governo brasileiro deve adotar um programa econômico consistente para a dívida — disseram ontem a este jornal fontes oficiais.

Funaro, que tem almoço marcado com Paul Volcker, presidente do Federal Reserve Board, encontra-se em seguida, com o secretário do Tesouro, James Baker III.

No final da tarde, ele conversará com o vice-secretário de Estado, John Whitehead (o secretário de Estado, George Shultz, está fora do país). O ministro da Fazenda terá ainda encontros com o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, e com o novo diretor gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus.

Ao anunciar a agenda de compromissos do ministro em Washington, a embaixada do Brasil na capital americana fez questão de destacar que a visita de Funaro a Camdessus será “de cortesia”. Durante a tarde, Funaro dará uma entrevista coletiva.

Um funcionário do governo indicou a este jornal que Baker e Volcker estão obviamente interessados em ouvir o que Funaro tem a lhes dizer. “Nossa atitude é receptiva”, afirmou. A fonte deixou claro, contudo, que o governo americano “não está exatamente feliz com a forma como o Brasil está gerenciando o problema, agindo sem consultas prévias conosco ou com os bancos, como sempre foi feito. Na prática, o go-

verno diz que não decretou uma moratória mas age como quem o fez”. A decisão do governo de centralizar as linhas de crédito de curto prazo também “não foi bem recebida em Washington”, afirmou o funcionário. “Os gestos do governo parecem estar todos sendo calculados para antagonizar os bancos e governos com quem terá de negociar”.

E difícil determinar quanto a insatisfação causada pelas ações unilaterais tomadas pelo governo brasileiro influenciarão, no final, a postura americana. No curto prazo, disse uma fonte bem informada, o governo brasileiro não deve esperar auxílio de Washington, sob a forma de empréstimo-ponte ou de apoio político nas negociações.

Nos bancos, com os quais Funaro não deverá ter contato nessa viagem, há uma disposição semelhante. “Nós podemos agüentar esta situação durante vários meses. Mas o governo brasileiro talvez não possa”, afirmou um executivo de um grande banco, indicando a disposição dos credores de testar a resistência política de Funaro.

Uma fonte mencionou o apoio que o governo americano deu à proposta brasileira de renegociação da dívida oficial, com o Clube de Paris, sem que o País tenha se submetido à regra do “acordo com o FMI”, como uma prova de realismo político com que as autoridades econômicas americanas atuam diante de situações complexas como a da dívida brasileira.

Quanto às declarações feitas por funcionários americanos, indicando o mau humor causado pela suspensão unilateral de pagamentos de juros da dívida pelo Brasil, a fonte afirmou que elas podem ser enganosas, pois não passam “de música ambiente”.